

## INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS: ANÁLISE E PERCEPÇÃO DE DOCENTES E PIBIDIANOS

Alani Araujo Soares<sup>1</sup>  
Thainara Vieira Pedro<sup>2</sup>  
Caroline Almeida Carvalho<sup>3</sup>  
Vitória Maria da Silva<sup>4</sup>  
Maria Márcia Melo de Castro Martins<sup>5</sup>  
Alana Cecília de Menezes Sobreira<sup>6</sup>

### RESUMO

O Estatuto da Pessoa com Deficiência, instituído pela Lei nº 13.146, também conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, de 6 de julho de 2015, define como pessoa com deficiência (PcD) aquela que possui comprometimento de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, a longo prazo, capazes de dificultar sua participação na sociedade de forma equivalente aos demais indivíduos. Considerando o contexto educacional no tocante à inclusão, o presente trabalho tem como objetivo analisar, nas aulas de Biologia, como ocorre o processo de inclusão de alunos autistas em uma Escola de Educação Básica do Ceará. O estudo, de abordagem qualitativa e realizado no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, por bolsistas vinculados ao curso de licenciatura em Ciências Biológicas, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu, unidade interiorana da Universidade Estadual do Ceará, assumiu como procedimento metodológico a observação participante e um questionário como técnicas de coleta de dados, os quais foram analisados de forma descritiva e reflexiva à luz do referencial teórico adotado na investigação. Os bolsistas realizaram observações em sala de aula sobre a inclusão de alunos autistas no ambiente escolar e submeteram um questionário para professores de Biologia (dentre os quais um supervisor do PIBID), de uma escola pública no município de Iguatu - CE (onde o Programa desenvolve atividades) com questões sobre a inclusão dos alunos autistas na escola. Como resultado, identificou-se carência de suporte no auxílio a esses alunos a terem melhor desenvolvimento educacional, a exemplo da ausência de um monitor para o estudante autista. Sem um planejamento pedagógico adequado e sem atividades diferenciadas, o aprendizado desses alunos pode ficar comprometido. A falta de material didático também pode se tornar um empecilho, pois retarda seu avanço educacional, limitando, assim, seus direitos como cidadão. É necessário um olhar mais atento por todos, sobretudo do Estado, para uma educação verdadeiramente inclusiva.

**Palavras-chave:** Educação inclusiva, PIBID, TEA, Comunicação, Inserção .

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará - Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI, [alani.soares@aluno.uece.br](mailto:alani.soares@aluno.uece.br);

<sup>2</sup> Graduada pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará - Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI, [thainara.vieira@aluno.uece.br](mailto:thainara.vieira@aluno.uece.br) ;

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará - Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI, [carol.almeida@aluno.uece.br](mailto:carol.almeida@aluno.uece.br) ;

<sup>4</sup> Graduanda pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará - Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI, [vitoriamaria.silva@aluno.uece.br](mailto:vitoriamaria.silva@aluno.uece.br) ;

<sup>5</sup> Licenciada em Ciências Biológicas e mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. [marcia.melo@uece.br](mailto:marcia.melo@uece.br) ;

<sup>6</sup> Professor orientador: Doutora - Universidade Estadual do Ceará - UECE - Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI, [alana.cecilia@uece.br](mailto:alana.cecilia@uece.br) .

## INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno do desenvolvimento neurobiológico que influencia na comunicação, interação social e comportamental do indivíduo, apresentando sinais antes dos 3 anos de idade (Barbosa, 2021). Desse modo, o transtorno do espectro autista afeta em áreas importantes para o progresso do indivíduo em meio a sociedade. Quando se trata de crianças e jovens autistas, a escola desempenha um papel fundamental em suas vidas, pois é um ambiente crucial para o desenvolvimento acadêmico, social e emocional.

Segundo Schmidt (2018), o autismo implica em uma série de complicações que afetam o desenvolvimento da interação do indivíduo no meio em que vive, conseqüentemente dificultando seu processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, a inclusão de estudantes com autismo pode ser desafiadora, requerendo uma abordagem cuidadosa e personalizada.

É essencial que educadores, pais e profissionais de saúde trabalhem em conjunto para criar ambientes escolares inclusivos, adaptados às necessidades individuais de cada aluno autista e isso envolve a implementação de estratégias de ensino diferenciadas, apoio emocional e social, além da promoção de diálogo sobre a diversidade e compreensão, por parte de colegas de classe, das especificidades dos colegas com deficiência. É importante ressaltar que muitas escolas apresentam desafios para incluir estudantes com deficiência, pela ausência de infraestrutura e de profissionais com formação adequada. Essas adversidades acabam influenciando no processo de adaptação das pessoas com deficiência no ambiente escolar, dificultando a inserção efetiva desses discentes na sala de aula.

A Biologia é uma área admirável, estimulante e encantadora, porém, para que ela seja melhor compreendida pelos estudantes é importante que as aulas sejam atrativas e que o professor utilize estratégias diferenciadas de ensino.

Quando consideramos os alunos autistas, além de metodologias diferenciadas de ensino, é essencial que sejam disponibilizados pela instituição de ensino materiais didáticos adaptados que auxiliem no processo de aprendizagem desses estudantes.

É preciso considerar, ainda, que o aluno autista pode apresentar dificuldades em participar de debates, trabalhos em grupo e atividades práticas decorrentes de limitações na comunicação e da falta de interação social. Contudo, de acordo com Oliveira (2021), existem métodos que contribuem para uma educação de qualidade e para que isso ocorra, é importante a participação dos alunos autistas em atividades recreativas, que estimulam o pensamento lógico. Nesse sentido, o uso de metodologias alternativas de ensino é extremamente necessário

para uma melhor efetivação da aprendizagem do estudante com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Em muitos casos, estudantes com autismo podem ter habilidades intelectuais notáveis, incluindo um profundo interesse em áreas específicas, como a Biologia, a Matemática e a Música. No entanto, também podem enfrentar desafios na sala de aula devido às características associadas ao autismo, por isso é importante que os educadores estejam cientes dessas características e adotem estratégias inclusivas junto a esses estudantes.

São vários os desafios enfrentados pelos discentes autistas em sala de aula, como por exemplo: dificuldades na interação social com colegas e professores, sensibilidades sensoriais que podem ser desencadeadas por estímulos no ambiente da sala de aula e dificuldades na comunicação, tanto verbal quanto não verbal. Esses desafios podem afetar a participação ativa nas atividades da aula e o entendimento dos conceitos apresentados pelos professores. É importante destacar que cada aluno com autismo é único, e suas necessidades e habilidades variam. Alguns podem se beneficiar de adaptações no ambiente da sala de aula, como redução de estímulos sensoriais, uso de comunicação alternativa e estratégias de ensino diferenciadas, outros talvez não se adaptem tão bem, sendo necessário que os professores e gestores encontrem alternativas que ajudem o aluno a permanecer na sala de aula.

Quando falamos especificamente das aulas de Biologia, os professores desempenham um papel vital ao criar um ambiente inclusivo que permita que todos os alunos, inclusive aqueles com autismo, alcancem seu potencial máximo. Isso envolve não apenas o conhecimento dos aspectos biológicos do autismo, mas também a empatia, a paciência e a adaptação de práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais dos alunos.

Embora o autismo não seja um tópico específico de Biologia, sua compreensão é essencial para promover a inclusão e o sucesso dos alunos nas aulas de Biologia e em todo o ambiente escolar. A educação inclusiva é uma parte fundamental do sistema educacional, e os educadores desempenham um papel vital nesse processo, garantindo que todos os alunos tenham a oportunidade de explorar e aprender independente de suas limitações de aprendizagens.

A Lei nº 12.764, mais conhecida como Lei Berenice Piana, institui a Política Nacional de Proteção aos direitos das pessoas com TEA e foi instituída no Brasil no dia 27 de dezembro de 2012. A lei assegurou os direitos de pessoas autistas, tornando possível o acesso às escolas, e dando apoio às adaptações necessárias para uma educação de qualidade e inclusiva. Além disso, os recursos que devem ser oferecidos pelas escolas são necessários para atender as particularidades e dificuldades dos estudantes autistas. Essa lei é de grande importância, visto

que busca promover os direitos e a inclusão de pessoas com autismo em meio à sociedade. Todavia, a inclusão de alunos com TEA ainda é um desafio para muitas instituições públicas e privadas.

No contexto do ensino de Biologia, para que o indivíduo tenha um bom desenvolvimento educacional, é necessário estratégias de aprendizagem adequadas, para que os conceitos abstratos e complexos da matéria sejam compreendidos. Sendo assim, para que os estudantes em questão se sintam inseridos nas aulas de Biologia, é relevante que os professores procurem trabalhar alternativas diferenciadas, pois a utilização de estratégias pedagógicas variadas auxiliam no processo de assimilação dos conteúdos estudados durante as aulas de Biologia. De acordo com Paula (2019), é evidente que existem diversas formas para incluir estudantes com TEA no espaço educacional, como por exemplo, a produção de materiais didáticos para que as aulas se tornem mais inclusivas e compreensivas.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar, nas aulas de Biologia, como ocorre o processo de inclusão de alunos autistas em uma Escola de Educação Básica do Ceará. Nesse sentido, o trabalho apresentado é um relato de experiência dos Bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) do núcleo de Biologia da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), uma unidade da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

## **METODOLOGIA**

O estudo, de abordagem qualitativa e realizado no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, por bolsistas vinculados ao curso de licenciatura em Ciências Biológicas, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu, unidade interiorana da Universidade Estadual do Ceará, assumiu como procedimento metodológico a observação participante e um questionário como técnicas de coleta de dados, os quais foram analisados de forma descritiva e reflexiva à luz do referencial teórico adotado na investigação.

Os bolsistas realizaram observações em sala de aula sobre a inclusão de alunos autistas no ambiente escolar, e submeteram um questionário para professores de Biologia (dentre os quais um supervisor do PIBID), de uma escola pública no município de Iguatu - CE (onde o Programa desenvolve atividades) com questões sobre a inclusão dos alunos autistas na escola.

Este estudo também se configura como um relato de experiência a respeito da observação e percepção de bolsistas do PIBID de como ocorre o processo de inserção de estudantes autistas, nas aulas de Biologia. Nessa perspectiva, o referido trabalho apresenta as

vivências e análises dos Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), inseridos de uma maneira observativa nas aulas de Biologia da referida instituição de ensino.

Esmiuçando um pouco mais a respeito da coleta de dados, esta se deu em dois momentos: a observação participativa dos bolsistas ID do PIBID nas aulas de Biologia, em turmas de 2º e 3º anos do Ensino Médio e a submissão de um questionário pelo *Google forms* a três professores da referida escola, que ministram aulas para essas turmas, contendo estas perguntas:

1. Quanto tempo você tem de docência na Educação Básica?
2. Você participou de alguma formação sobre Educação Inclusiva?
  - Sim
  - Não
  - Não lembro
3. Se a resposta anterior foi sim, diga onde recebeu essa formação.
4. A escola em que você trabalha ofereceu formações pedagógicas para um melhor atendimento dos alunos autistas?
  - Sim
  - Não
  - Não lembro
  - Recebeu, mas não foi suficiente.
5. Sobre a pergunta anterior você tem alguma formação a parte, para atender essa demanda?
6. Na sua visão como professor, a sua escola realiza inclusão e (ou) integração de alunos autistas? Justifique.
7. Tendo em vista, a implementação do Novo Ensino Médio e conseqüentemente o aumento da sua carga horária, você consegue utilizar metodologias ativas e a ludicidade em suas aulas? De que forma? Isso dificultou a criação e elaboração dessas atividades?
8. O estado disponibiliza materiais para melhor aprendizagem dos alunos autistas?
9. A escola dispõe de monitores que auxiliem os alunos PcD em suas atividades acadêmicas?
  - Sim

- Não
  - Consigo dar assistência a todos.
  - O desempenho dos alunos não mudam, com ou sem monitor.
10. Com base na sua vivência, de que forma a escola e o estado poderiam melhorar o atendimento dos alunos PcD em sala de aula?

As impressões do momento de observação participativa foram anotadas por nós, bolsistas ID do PIBID, em um diário de bordo, que segundo Lacerda (2021), representa o registro escrito e o repositório de memórias individuais, seletivas e intencionais, carregadas de sentimentos e olhares sobre a prática educativa, além de propiciar uma renovação nos planejamentos de aulas, propostas curriculares, metodologias de ensino etc. No segundo momento, foi realizada a submissão de um questionário aos professores com objetivo de analisar a visão deles nesse processo de inclusão de alunos autistas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Por meio das observações em sala de aula, podemos perceber um constante deslocamento dos alunos com autismo nos espaços da escola. Percebemos, ainda, que os alunos autistas não participavam de maneira efetiva das atividades propostas pelo professor, ou seja, a inclusão de fato não era efetiva. Isso nos levou a pensar em possibilidades que pudessem fazer com que eles participassem também, já que a educação nas escolas inclusivas, independentemente dos níveis do autismo, deve ser vivenciada individualmente na sala de recursos e na sala de ensino comum, favorecendo a sociabilidade, porque incluir é aprender junto (CUNHA, 2010).

Contudo, devido ao Novo Ensino Médio, o pouco tempo garantido para o planejamento do professor e a alta carga horária em sala de aula, faz com que o docente disponha de pouca ou nenhuma condição para estudar formas de aprofundar seus conhecimentos em dinâmicas inclusivas. Além disso, faltam materiais didáticos, os quais poderiam proporcionar um estímulo maior ao aluno e falta apoio do estado, o que expõe o agravamento da exclusão das Pessoas com Deficiências (PcD). É comum observar que alguns professores apresentam dificuldade em lidar com a dimensão pedagógica do ensino inclusivo, provocando, no aluno PcD, mesmo que de maneira não intencional, um sentimento de estar perdido. Nessa direção, Ponce (2019) destaca que a dificuldade em relação à transmissão dos conteúdos reflete em um sentimento de despreparo.

Uma educação que leva em conta o sujeito, por sua vez, exige do professor uma reflexão crítica sobre sua função na estrutura educacional e, além disso, a superação de seu narcisismo, porque sob essa nova perspectiva, os resultados, amplamente valorizados pela pedagogia contemporânea, poderão, muitas vezes, estar aquém do esperado (PONCE, 2019).

É importante salientar ainda a importância de uma formação de professores cada vez mais crítica e reflexiva sobre o seu fazer docente e sobre a diversidade de ações que essa profissão requer para que, assim, seja possível desenvolver suas funções de forma eficaz para a promoção da aprendizagem dos alunos com deficiência ou não.

Os dados obtidos quando da submissão do questionário aos professores que ministram aulas nas turmas avaliadas (2º e 3º anos do Ensino Médio), revelam que o tempo de docência desses profissionais varia de 6 a 25 anos.

Quanto à participação dos docentes em formação inclusiva, afirmam ter vivenciado esse momento, em espaço como Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE) e Creche. Quanto à indagação se a escola em que eles trabalham ofereceu uma formação pedagógica sobre essa temática, um professor disse sim, o outro disse não e o terceiro disse que não lembra.

Sobre terem alguma formação especificamente para atender à demanda de alunos autistas, os professores respondem: “O que aprendi no curso de educação inclusiva” (Prof. 1); “Tenho” (Prof. 2) e “Não tenho a prática diária (Prof. 3). O Prof. 3, na questão 2, informou ainda ter participado de um curso de LIBRAS .

Quando indagados se sua escola realiza inclusão e (ou) integração de alunos autistas, respondem: “Sim. Houve um dia de palestras sobre esse tema” (Prof. 1); “Sim. Adapta as atividades e os inclui em todas as outras atividades (Prof. 2) e “Sim” (Prof. 3).

Na sequência, uma pergunta mais ampla foi lançada aos professores: Tendo em vista, a implementação do Novo Ensino Médio e conseqüentemente o aumento da sua carga horária, você consegue utilizar metodologias ativas e a ludicidade em suas aulas? De que forma? Isso dificultou a criação e elaboração dessas atividades? Ao que responderam: “Eu ainda estou engatinhando sobre esse assunto (Prof. 1); “Um pouco” (Prof. 2) e “Não” (Prof. 3).

Quando indagados se o Estado disponibiliza materiais para melhor aprendizagem dos alunos autistas?, respondem: “Quase nada” (Prof. 1); “Pouco” ( Prof. 2) e “Não, a gente arranja forma de se adequar” (Prof. 3).

Sobre a escola disponibilizar monitores que auxiliem os alunos PcD em suas atividades acadêmicas, informam: “Não” (Prof. 1 e 2); “Sim” (Prof. 3).

A décima e última questão indagava: Com base na sua vivência, de que forma a escola e o Estado poderiam melhorar o atendimento dos alunos PcD em sala de aula? À essa pergunta,

respondem: “Tentando deixar o mais independente” (Prof. 1); “Mais monitores e disponibilizar materiais e formações continuadas para a inclusão e o professor” (Prof. 2) e “Com mais formações, para inclusão dos alunos com melhor qualidade” (Prof. 3).

Refletindo sobre os dados obtidos por meio do *Google Forms*, embora os docentes informem que já tiveram formações sobre Educação inclusiva, ficou evidente que essa formação ainda não se mostrou suficiente para o trabalho diário de inclusão de estudantes com TEA em suas aulas, principalmente porque os professores relataram que apresentam desafios para a implementação de metodologias ativas com a utilização de estratégias didáticas que atendam as especificidades dos educandos com autismo no ambiente escolar, por sua vez aulas sem materiais didáticos podem dificultar a construção da aprendizagem dos discentes de uma forma mais lúdica e concreta. Quanto a essa questão, destaca Cesar (2020, p. 597):

A produção de materiais didáticos voltados para o aluno com autismo permite uma aproximação diferenciada do aluno com a disciplina que está aprendendo na escola, por meio de imagens, objetos e cores, visando o incentivo de suas habilidades cognitivas e motoras, favorecendo assim uma melhor aprendizagem do conteúdo abordado.

Nesta perspectiva, é imprescindível que os docentes busquem explorar estratégias educacionais de ensino e aprendizagem, sobretudo propostas de trabalhos que sejam inclusivas e adaptadas para que todos os estudantes possam participar de uma forma geral. De acordo com a pesquisa produzida por Rodrigues e Cruz (2019), foi averiguado que no ensino de Biologia mostra-se fundamental a utilização de recursos pedagógicos, visto que auxiliam no entendimento dos termos técnicos e robustos que esta área apresenta. Sendo assim, o uso diário de possibilidades didáticas inclusivas nas aulas de Ciências e Biologia colaboram na compreensão dos alunos PcD sobre os conteúdos trabalhados na sala de aula.

Além disso, o ensino inclusivo tem se mostrado desafiador e os docentes ainda estão buscando entender a melhor forma de trabalhar essa nova proposta. Os professores relataram, ainda, a necessidade do Estado fornecer formações complementares acerca da educação inclusiva. Bortolini (2022) descreve, em seu trabalho, que os educadores enfrentam obstáculos para inserir os estudantes autistas em suas aulas, pois diversas vezes é desafiador abordar assunto previsto de uma maneira que contemple a todos os alunos. Ademais, os educadores também relatam, no formulário, a insuficiência de monitores para acompanhar os alunos com TEA, dessa forma, acaba prejudicando o discente com PcDs no processo de construção da sua aprendizagem, impossibilitando-lhe a compreensão mais facilmente da Biologia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



A utilização de metodologias diferenciadas fortalecem o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com TEA, uma vez que a aplicabilidade dessas estratégias didáticas potencializa o desenvolvimento de habilidades cognitivas, pensamento lógico e instiga o interesse dos alunos, tornando-os incluídos nas aulas e na escola, colaborando, assim, para o seu desenvolvimento.

É perceptível a necessidade das instituições de ensino proporcionar aos professores formações continuadas, para que adquiram experiências e intensifiquem sua formação profissional, a fim de contribuir para uma educação inclusiva, que vai além da sala de aula, visto que os estudantes podem desenvolver integralmente seus potenciais, a partir das atividades mediadas pelo professores.

Diante do exposto, como futuros professores destacamos a importância dos projetos de iniciação à docência, como o PIBID, pois oportuniza inúmeras experiências e vivências que agregam conhecimentos para nossa futura inserção no universo docente e escolar, visto que possibilita aprendizagens significativas e relevantes que colaboraM com momentos práticas e produção de materiais didáticos, viabilizando a inclusão dos estudantes autistas.

## REFERÊNCIAS

BORTOLINI, Tatiane Roberta. Os desafios enfrentados pelos professores no processo de inclusão e na aprendizagem de alunos com transtorno de espectro autista (TEA). 2022. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/922> a cesso em 10 de dezembro de 2023.

CESAR, Kellyane Karen Ferreira Aguiar; OLIVEIRA, Laura Almeida; ARAUJO, Lorena Gonçalves; SOARES, Rita Maria Luz Freitas; SOARES, Cecília Regina Galdino. Materiais didáticos para o ensino e aprendizado de alunos com autismo do ensino fundamental em escola pública. *Revista Experiências em ensino de ciências*, v.15, n.02, p. 597-604, 2020. Disponível em: <https://fisica.ufmt.br/eenciojs/index.php/eenci/article/view/744> acesso em 10 de dezembro de 2023.

CUNHA, E. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

LACERDA, Maykon Albuquerque. O diário de bordo na formação docente: um instrumento de reflexão diária, sobre a identidade do professor de história. **Revista Educação Pública, Rio de Janeiro**, v. 21, n. 24, p. 01-04, 2021.

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/24/o-diario-de-bordo-na-formacao-docente-um-instrumento-de-reflexao-diaria-sobre-a-identidade-do-professor-de-historia>

OLIVEIRA, Suely de Lemos Alves; TOMAZ, Edileuza Braz; SILVA, Robson José de Moura. Práticas educativas para alunos com TEA: entre dificuldades e possibilidades. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 3, 26 de janeiro de 2021.

PAULA, Jessyca Brennand; PEIXOTO, Mônica Ferreira. A inclusão do aluno com autismo na educação infantil: desafios e possibilidades. **Cadernos da Pedagogia**, v. 13, n. 26, 2019.

PONCE, J. O., & Abrão, J. L. F. (2019). Autismo e inclusão no ensino regular: o olhar dos professores sobre esse processo. *Estilos Da Clinica*, 24(2), 342-357. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1289> acesso em 10 de dezembro de 2023.

RODRIGUES, Amanda Séllos; CRUZ, Luciana Hoffert Castro. Desafios da inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) no ensino de Ciências e Biologia. *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, v. 11, n. 25, p. 413-425, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/922> acesso em 10 de dezembro de 2023.

SCHMIDT, Carlo; Alves, Priscila Pires; Almeida, Tainá Mani; Wolff Mota, Ana Carolina; Nuernberg, Adriano Henrique; Vieira, Mauro Luis; De Almeida, Sabrina Araujo; Faria Campos, Pedro Humberto; Dos Santos, Claudiana Prudência; Andrade Rodrigues, Maria Goretti; Bejarano Gómez, Alejandro; Dos Santos Caminha, Vera Lúcia Prudência; De Oliveira Caminha, Adriano; Rodrigues Chave, Arthur; De Assis Lúcia; Moreira Bernal, Marcella; Chaves Pereira, Gabriela. **AUTISMO: Caminhos para a Aprendizagem**. 2018.